


Teatro de bonecos: expressão popular e alumbramento na mão
do brincante – entrevista com o bonequeiro Ronaldo Gomes/

*Puppet theater: popular expression and enchantment in the hand
of the player – interview with the puppet maker Ronaldo Gomes*

*Hadoock Ezequiel Araújo de Medeiros**

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino – PPGLE na UFCG. Graduado em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Especialista em Literatura e Cultura africanas; Literatura e cultura do Rio Grande do Norte, pela UFRN. Mestre em Linguagem e Ensino pela UFCG.

 <https://orcid.org/0000-0002-4866-8638>

*Naelza de Araújo Wanderley***

Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2005) e Pós-doutorado na área de Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2007). Suas atividades acadêmicas estão direcionadas para a Graduação (UAEF – UFCG) e Pós-Graduação, no PPGLE (Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino – UFCG).

 <https://orcid.org/0000-0002-3622-7317>

Recebido em: 09 de ago. 2021. **Aprovado em:** 23 de nov. 2021.

Como citar esta entrevista:

MEDEIROS, Hadoock Ezequiel Araújo de. WANDERLEY, Naelza de Araújo. Teatro de bonecos: expressão popular e “alumbramento” na mão do brincante – entrevista com o bonequeiro Ronaldo Gomes. *Revista Letras Raras*, p. 245-255, v. 10, n. 4, dez. 2021.

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8415227>

Não é possível definir quando surgiu o teatro de bonecos. Porém, fazendo um percurso histórico, podem-se registrar elementos que mostram o quanto essa manifestação perpetua ao longo dos séculos. Para Borba Filho (1966, p.5), os títeres, como são conhecidos os bonecos, sempre acompanharam o homem. Nos registros mais remotos, é possível que o homem das

*



popularcordel@gmail.com

**



naelzanobrega@gmail.com

cavernas tenha tido experiências “à luz da fogueira”, fazendo movimentos com as mãos, projetando nas paredes, figuras animadas. “Platão já dizia que a nossa visão do mundo é como sombras no fundo de uma caverna.”

No Brasil, as primeiras manifestações das marionetes, como afirma Borba Filho (1966), perderam-se no passado. Não existe nenhuma documentação que comprova o seu aparecimento. Historiadores e cronistas não tiveram essa preocupação, talvez porque fosse tão banal para eles que não havia uma preocupação em registrá-las. Contudo, “[...] é certo que vieram com os primeiros exploradores, pois na época do descobrimento as marionetes invadiam toda a Europa, não sendo de mais supor-se que entre os milhares de pessoas que para aqui vieram algumas não tivessem o gosto dos títeres.” (BORBA FILHO, 1966, p.67).

No Nordeste brasileiro, até meados do século XX, era uma prática comum. Para Gomes (2002), os exequentes conduziam a tiracolo a sua bagagem, percorrendo vilas e fazendas do interior e contagiando as pessoas. Tal realidade, diz respeito ao cenário em que a maioria das pessoas não tinham acesso a locais que promovessem entretenimento, uma vez que a população, em sua grande parte, era pobre e no interior não havia televisão, cinema, entre outros meios de diversão, sendo o rádio, o meio de comunicação e transmissão de programas de entretenimento, porém, nem todos tinham condições para tal deleite.

Nos últimos anos, o RN vem se revelando com a presença de brincantes e grupos de bonecos, sendo uma manifestação reconhecida pelo IPHAN, em 2015, como Patrimônio Imaterial da Cultura Brasileira. Dentre os mestres de bonecos atuantes no Rio Grande do Norte, destacamos como representante o brincante Ronaldo Gomes, nosso entrevistado.

Natural da Cidade de Currais Novos/RN, Ronaldo é graduado em Letras, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e atualmente é presidente da Associação Potiguar de Teatro de Bonecos (APOTEB). Em 2007 criou o grupo de bonecos *Caçua de Mamulengos*, onde faz apresentações no Estado do Rio Grande do Norte e outros estados do Nordeste. Nos últimos anos, promove na cidade de Currais Novos o Encontro de Bonecos do Rio Grande do Norte, em que se apresentam bonequeiros de várias partes do estado.

PESQUISADORES:

Fala um pouco sobre quando você decidiu ser brincante de João Redondo.

RONALDO GOMES:

Bem, essa vontade em mim se manifestou, acredito que na primeira vez que assisti uma apresentação de teatro de bonecos. Em 1984, 12 anos na época, assisti uma apresentação do mestre Chico Daniel, até aquele dia não conhecia que existia essa manifestação de teatro de bonecos. Tive um alubrimento, fiquei realmente encantado com aqueles bonecos ali ganhando vida, em cima da tolda. Tive o privilégio de ver a primeira apresentação, acho que um dos melhores brincantes de teatro de bonecos do Brasil, o Mestre Chico de Daniel. Então, de lá pra cá, me interessei, né, pra entrar nesse universo do teatro de bonecos. Comecei a fazer algumas pesquisas, né! Adquiri alguns livros. Em 1997 criei um grupo de teatro de boneco, também com um amigo e ele confeccionava os bonecos e eu apresentava, mas não durou mais do que seis meses, né! A gente passou um período, fez algumas apresentações nas escolas e em 2007, 10 anos depois, a gente é... em parceria com Francinaldo, né, que é um parceiro que a gente faz o trabalho juntos, estamos nessa jornada aí, de teatro de bonecos.

PESQUISADORES:

Você enfrentou algum desafio para conseguir divulgar sua arte?

RONALDO GOMES:

No começo, a gente, é... sentia uma certa dificuldade, né! Até porque a gente não tinha, digamos assim, um incentivo maior, né! Mas depois a gente pegou incentivo de um projeto chamado *João Redondo no oco do mundo*, que era um projeto que a gente caminhava, no mandato de Odon*, quando ele era vereador, se apresentou em vários locais e em 2009, a gente foi convidado pra participar de um encontro do registro do Patrimônio Imaterial do teatro de boneco, de Natal. Primeiramente veio aqui Graça Cavalcante†, que fez, né, o registro nosso, numa pesquisa, dentro dessa pesquisa agente foi convidado pra participar desse encontro lá em Natal.

* Odon Júnior, vereador da cidade de Currais Novos na época e atual prefeito deu incentivo e vem apoiando à cultura popular do município.

† Maria das Graças Cavalcante Pereira – Pesquisadora do teatro de bonecos do Rio Grande do Norte. Em 2010, defendeu a dissertação *Dadi e o Teatro de Bonecos: memória, brinquedo e brincadeira*, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Sua pesquisa possibilitou revelar além de Dona Dadi, vários bonequeiros que estavam esquecidos no Rio grande do Norte, abrindo assim, espaço para que essa manifestação ressurgisse no estado.

PESQUISADORES:

Quais influências você teve para o desenvolvimento do seu teatro de João Redondo?

RONALDO GOMES:

Eu acho que a primeira influência foi a do Mestre Chico Daniel, né! E com aquela brincadeira dele, aquelas falas, o trejeito dele, internalizava. E... e as pesquisas também que a gente foi fazer, né, do teatro de bonecos com o livro de Deífilo Gurgel, *O teatro de João Redondo*, e a gente foi buscando se inspirar em outros bonequeiros, né! A pesquisa ainda muito escassa no Rio Grande do Norte. Nós tínhamos apenas o livro, que eu conhecia pelo menos de Deífilo Gurgel, né! Existia outros livros de autores potiguares que pesquisaram, inclusive o pioneirismo é José Bezerra Gomes que fez o primeiro registro é... na literatura do teatro de bonecos, na questão da pesquisa, o primeiro escritor brasileiro a ter um registro oficial do teatro de bonecos.

PESQUISADORES:

Quantos anos faz que você brinca com o João Redondo? Durante esse percurso houve alguns desafios para mostrar seu teatro?

RONALDO GOMES:

A gente tá desde 2007, né! Teve aquela experiência em 97, mas num prosperou, aí desde 2007, a gente vem com esse trabalho, então, é... os desafios são reconhecimentos que no começo a gente não tem, mas a gente foi se popularizando aqui na cidade de Currais Novos e hoje onde a gente vai é reconhecido aqui, né, pela população, pelas escolas, pelos órgãos públicos e a manutenção dessa atividade ela viva, né, porque a gente já realizou oficinas, já realizou encontros de bonecos aqui em Currais Novos e tudo isso nos fortalece.

PESQUISADORES:

Para ser um brincante de João Redondo é preciso ter alguma habilidade? Quais?

RONALDO GOMES:

Eu acho que principalmente ter amor pela cultura popular. Acho que ter um pouco de pesquisa também, acho que dos brincantes atuais, né! Ter um pouco de pesquisa, beber na fonte da

tradição. Não pode deixar de, de valorizar os mestres que começaram essa manifestação, mas a gente vem traçando nosso caminho, né, criando novas histórias que são recortes desse cotidiano que a gente vive e..., mas sempre com essa referência da tradição que é importante para o brincante e ele saber que está em um contexto da cultura popular que tem que valorizar sua, digamos assim, a sua aldeia, o seu local, comunidade e dessa interação que a gente tem na nossa comunidade extrair as nossas histórias, né, porque são recortes desse cotidiano que nós vivemos.

PESQUISADORES:

Como surgiu a ideia de criar o grupo *Caçua de mamulengos*? No RN esse teatro de bonecos é conhecido como João Redondo, porque o grupo não se chama *Caçua de João Redondo*?

RONALDO GOMES:

Isso é uma boa pergunta! A gente, a gente... Quando eu comecei, né, é a pesquisa, né, do teatro de boneco, como eu falei, não tinha ainda essa..., essa grande referência que hoje tem o teatro de João Redondo, né! Então ficou meio pela questão da sonoridade, o nome *Caçua de mamulengo*, né, é..., mas a gente sempre deixa bem claro que é *Caçua de Mamulengo: teatro de João Redondo*, a gente sempre coloca e nosso projeto sempre faz referência ao João Redondo no oco do mundo, né! Outro projeto que a gente também aprovou também, né, João Redondo pelas terras do Seridó, sempre enfatizando a questão do João Redondo, né! Como o nome pegou e se popularizou como *Caçua de Mamulengo*, então ficou esse nome, mas que nada impede que a gente possa ir fazendo um trabalho pra consolidar como *Caçua de João Redondo*, *Caçua dos Calungas*, que também é conhecido aqui no Rio Grande do Norte, né!

PESQUISADORES:

Embora receba o nome de brincadeira entre os bonequeiros, o espetáculo de João Redondo é mais do que isso, além de levar alegria ele também é uma forma de denúncia social. Como esse viés social se apresenta no teatro de bonecos?

RONALDO GOMES:

Isso é muito importante, né! Acho que a cultura como um todo tem que ser um instrumento de transformação social e não de manter o *status quo*, denunciar as injustiças sociais, fazer com que a população reflita e o teatro de boneco tem esse papel muito forte, né, nessa questão da denúncia, das injustiças sociais, né! Pelo menos no grupo *Caçua de Mamulengos*, lá a gente busca enfatizar bastante essa questão sem ser panfletagem, mas obviamente fazendo essas observações. O João Redondo, que é um boneco da nossa brincadeira ele é o coronel, o arbitrário, o dono do poder que oprime as pessoas que moram em sua fazenda e faz esse tipo de denúncia, né, e a gente ridiculariza a figura dos poderosos, acho que os oprimidos, né, sempre são ridicularizados, mas a gente tem que inverter esse papel e coloca-los na condição de protagonistas, como é o caso de Baltazar, que é um personagem que faz parte da tradição do teatro de João Redondo e ele é aquela figura do anti-herói, né, que faz às vezes do Chicó, do Pedro Malasarte, do João Grilo, né! Nesse estilo que naquele anti-herói é que luta pela sobrevivência e tem a esperteza que as situações sociais lhe impõem.

PESQUISADORES:

Na criação dos seus personagens, como você idealiza as características do boneco?

RONALDO GOMES:

É... Muito importante essa sua observação! Porque se você for observar o teatro de boneco ele tem o espírito e a fisionomia do seu povo. Então é... Quando a gente faz um boneco ele tem esse espírito. O espírito é o jeito do sertanejo, a sua identidade, a sua fala, a suas tradições, né! E a fisionomia porque a gente sem querer acaba fazendo o boneco parecido com alguém. Então, ele tem essa característica de ter a característica e a fisionomia do nosso povo. Então, tanto a criação da personagem como a figura propriamente do boneco, ela tem essa inspiração do povo mesmo, da cultura popular dessas nossas tradições.

PESQUISADORES:

Então, de acordo com o que você falou anteriormente, podemos afirmar que as roupas, as fisionomias, os gestos e fala, são criados a partir de um viés social?

RONALDO GOMES:

Isso. Eu acho que tem sempre essa característica, né! Porque o teatro de bonecos ele tem esse viés social, de fazer essa denúncia, de provocar o riso, é... nos poderosos. Eu acho que essa é a característica. Então, a vestimenta, os trejeitos do boneco sempre tá ligado a esse viés social.

PESQUISADORES:

Na sua opinião, você acha que o João Redondo está bem avaliado no nosso Estado?

RONALDO GOMES:

Depois que foi registrado, o teatro de bonecos, em 2015, como Patrimônio da Cultura Brasileira, acho que sim, ele deu um salto qualitativo. Hoje o Rio Grande do Norte, dos quatro estados que foram inventariados pelo IPHAN, é o estado que tem mais brincantes atuando, né! Então, a gente participou também de um projeto – *Casa das palavras* – onde a gente realizou dezenas de oficinas e dessas oficinas surgiram brincantes, né, como por exemplo Nazareno, lá em Macau, Charles Simplicio lá de Macaíba que são brincantes hoje. Estão iniciando nessa área... O brincante Nazareno lá de Macau já fez centenas de bonecos. Já produziu inclusive um encontro lá em Macau. Então, é dessa forma que a gente vai estimulando essa manutenção da nossa cultura.

PESQUISADORES:

Por que o nosso teatro de bonecos demorou tanto a ser reconhecido no Brasil?

RONALDO GOMES:

Acho que isso também parte de um viés político e ideológico de governo, né! Acho que a gente já vinha sendo cobrado disso há muito tempo, por Humberto Braga que foi presidente da ABTB e que foi um dos pioneiros dessa questão da busca do registro como Patrimônio Imaterial da cultura brasileira e só em 2015 que efetivamente foi colocado orçamento, né, anteriormente a isso foi colocado orçamento desde 2009 que começou esse registro. Pra isso tinha que ter orçamento pra que os pesquisadores pudessem circular em todo o estado. Quer dizer, tem que ser uma política de estado pra o fomento da cultura, da tradição e infelizmente se demorou muito... Os brincantes não tiveram a chance de ter essa oportunidade de ser patrimônio da cultura brasileira registrada pelo IPHAN.

PESQUISADORES:

Na sua infância, era comum assistir esses espetáculos de bonecos na rua da sua cidade ou no interior do estado?

RONALDO GOMES:

Não. Aqui, pelo menos na minha geração, não. A geração anterior, sim. Porque tinha Bastos, né, na década de 1960, 50, 70, ele tinha essa, essa... Morava aqui em Currais Novos e fazia muitas apresentações, mas eu não cheguei a conhecer, mas Bastos está vivo na memória das pessoas de Currais Novos. E, na minha época, quando eu conhecia o teatro de bonecos, é..., assisti por um projeto da Fundação José Augusto que veio pra Currais Novos. E..., o *Circo da Cultura*, armou ali, onde hoje é a praça da rodoviária e a gente acabou fazendo..., participando, né, dessa apresentação e eu acho que naquele momento eu vi que eu me tornei bonequeiro, sem querer, mas já ficou internalizado aquilo dentro de mim.

PESQUISADORES:

Nesses anos que você vem desenvolvendo seus espetáculos de João Redondo, já realizou alguma apresentação em escolas? Geralmente elas acontecem em qual período?

RONALDO GOMES:

Bem, o teatro de bonecos aqui, pelo menos nas escolas acontece durante todo o ano. A gente tem antes da pandemia, a gente se apresentava aqui quase que todos os meses nas escolas. Todas as escolas do município de Currais Novos a gente já se apresentou, né, tanto da rede estadual quando da rede municipal, faculdades, universidades a gente se apresentou em todas as escolas, realizamos também oficinas nessas escolas, palestras.

PESQUISADORES:

Você acha que o João Redondo está bem representado no âmbito da sala de aula? O que precisa ser feito para que ele ganhe mais evidência?

RONALDO GOMES:

Eu acho que a gente pode transformar o teatro de João Redondo num instrumento lúdico no processo de ensino aprendizagem e acho que ele tem essa característica muito forte das pessoas conhecer o teatro de bonecos... Os professores e alunos pegar essa tradição usar como instrumento pedagógico. Acho que é fundamental. E pra isso a gente já colaborou com oficinas e apresentações, mas é preciso que tenha mais investimentos, projetos pra que a gente possa realizar palestras, oficinas e apresentações nas escolas.

PESQUISADORES:

No geral, o que precisa ser feito para que essa manifestação popular ganhe mais visibilidade em nosso estado?

RONALDO GOMES:

Quando o João Redondo, o Mamulengo, o Babau e o Cassimiro coco foram aprovados como Patrimônio da Cultura Brasileira, existe um mecanismo que é pra salvaguarda da tradição do teatro de bonecos, só que essa salvaguarda ainda está longe de vivenciar. Depois do registro só tivemos apenas um edital pra o teatro de bonecos que foi contemplado os brincante do Rio Grande do Norte, da Paraíba, do Ceará, de Brasília, né, Pernambuco, do Piauí, da Bahia, mas que ainda precisa é..., como política de estado, uma política mais efetiva nessa tradição que salvaguardar de fato, né, em documentários com investimentos, realizações de encontros, né, com editais que fomentem para os artistas, que os artistas do teatro de bonecos e outras artes não passem necessidades e infelizmente é o que vem acontecendo, os brincantes às vezes se desfazem das suas malas, dos seus objetos, dos seus bonecos pra sobreviver, A gente quer que o teatro de bonecos seja instrumento de sobrevivência, mas na mão do brincante com o boneco vivo e ativo representando a nossa cultura.

PALAVRAS CONCLUSIVAS

Enquanto manifestação artística da cultura popular do Nordeste, o teatro de bonecos, por muitos anos, serviu como instrumento de entretenimento nas comunidades rurais e nas vilas do interior do estado do Rio Grande do Norte. Aqui, essa representação do povo recebe o nome de João Redondo. A apresentação em espaços públicos, a fala e a caracterização dos

personagens representam o povo humilde do sertão que, por meio da literatura, se reconhece como parte do espetáculo. A magia que emana das mãos do bonequeiro / brincante permite ao público não somente a identificação com ambiente e com realidade ali representados, mas também o riso e a fuga das hostilidades que permeiam suas vidas.

Entretanto, aos poucos, o teatro de João Redondo foi caindo no esquecimento, uma vez que os velhos brincantes foram desaparecendo e não houve uma política de manutenção desse patrimônio de nossa cultura por parte do poder público. Quase desaparecida, nos últimos anos, pesquisadores possibilitaram novos caminhos para que esse teatro ressurgisse no estado do Rio Grande do Norte, trazendo novas esperanças para os mestres do João Redondo, tanto os mais velhos quanto os jovens brincantes que ingressaram nessa arte a partir de suas experiências da infância, como é o caso do Mestre bonequeiro Ronaldo Gomes aqui entrevistado.

Dessa forma, acreditamos que iniciativas de pesquisa como a que anunciamos nessa entrevista, realizada em 19 de julho 2021, podem contribuir para a ampliação dos estudos voltados para o teatro de João Redondo no Rio Grande do Norte, dando continuidade às discussões sobre a história dessa manifestação presente no estado e como ela sobreviveu ao longo da história e como faz parte da memória viva da sua população. Além disso, a entrevista abre caminhos para entendermos como sobrevivem, na atualidade, os mestres dos bonecos e como eles se reinventam para manter viva essa cultura, fazendo da escola também um palco, um lugar de possibilidades para divulgação e permanência desse teatro.

REFERÊNCIAS

BORBA FILHO, Hermilo. *Fisionomia e espírito do mamulengo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.

GURGEL, Deífilo. *O Reinado de Baltazar: teatro de João Redondo*. Natal/RN: Fundação Campina das Artes, 2008.

IFPHAN. *Iphan reconhece teatro de bonecos do Nordeste como Patrimônio Cultural do Brasil*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2015-03/iphan-reconhece-teatro-de-bonecos-do-nordeste-como-patrimonio-cultural-do>. Acesso em: 20 mar. 2020.

IFPHAN. *Prêmio teatro de Bonecos Popular do Nordeste: mamulengo, Cassimiro Coco e João Redondo*. Rívia Ryker Bandeira de Alencar (Coord.) Brasília, 2017.

GOMES, José Bezerra. Teatro de João Redondo: Nomenclatura, repertório, auto. *In: Obras reunidas: ensaios*. Natal/RN: EDUFRN, 2002, p. 63 – 96.